

NOTA DE ABERTURA

“Extinguir ou reprimar estruturas societárias num ambiente de insolvência?”

ANTÓNIO RAPOSO SUBTIL



ENTREVISTA

RSA cria departamento vocacionado para a reestruturação e recuperação de empresas

Vida Judiciária

Nº 215 - julho/agosto 2020 - 7,50 €



PAULA FRANCO, BASTONÁRIA DA OCC, DEFENDE

Governo tem de olhar para as empresas que vão tardar a recuperar



OPINIÃO

Jorge Calvete, Administrador Judicial Partner Causa & Efeito

Reestruturar empresas em tempos de pandemia. Quais?



OPINIÃO

Ana Margarida Rebocho
Andreia Gonçalves da Costa
Áurea Guinda
Fabrícia de Almeida Henriques
Felipe Nicolau Ramos Zulo

Francisco Campos
Francisco da Cunha Matos
Guilherme Brandão Gomes
Magda Fernandes
Miguel Furtado
Nuno Libano Monteiro
Pedro Gonçalves Paes

PAULA FRANCO, BASTONÁRIA DA OCC, DEFENDE

Governo tem de olhar para as empresas que vão tardar a recuperar



Existe um consenso generalizado que as medidas adotadas poderão não ser suficientes.

A União Europeia terá um papel central na recuperação da economia, mas o Estado português tem a obrigação de olhar com especial atenção para os setores que mais têm sofrido o impacto da pandemia. Resgatar as empresas é essencial, pelo que as ajudas disponibilizadas devem ser revistas com a maior urgência possível e aceleradas o máximo. Por seu lado, os contabilistas certificados continuarão a desenvolver todos esforços para intensificar a parceria com os empresários, assumindo um papel ainda mais determinante na gestão das respetivas empresas, refere Paula Franco, bastonária da Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC), em entrevista à Vida Judiciária.

Vida Judiciária - As medidas excecionais de apoio às empresas adoptadas pelo Governo durante o período da pandemia centraram-se na criação do regime de "lay-off" simplificado, na possibilidade de acesso a um regime de moratória nos créditos em curso junto de entidades financeiras e na concessão de garantia do Estado a novos financiamentos requeridos pelas empresas. Sabemos que os contabilistas certificados acompanham muito de perto a vida das empresas. Havendo um consenso generalizado de que as medidas adotadas poderão não ser suficientes, sobretudo em determinados setores da economia, que outras medidas antevê como necessárias?

Paula Franco - Numa situação com esta inusitada magnitude, os

apoios, diga o que se disser, nunca serão suficientes. É uma ilusão dizer o contrário. O Estado português terá de ir mais além e olhar com especial atenção para setores que vão tardar muito em recuperar, como é o caso do turismo e da restauração. Penso que o papel da União Europeia poderá ser fundamental, mas também aqui existem entraves de grande monta. O dinheiro é importante para reerguer as empresas, mas acredito que a capacidade de os empresários e os negócios se reiventarem vai ser o ponto-chave.

VJ - Especificamente, no domínio fiscal e da Segurança Social, foram introduzidos mecanismos de prorrogação de prazos para o cumprimento e/ou flexibilização do cumprimento de obrigações fiscais, e até de isenção das con-

tribuições durante o período da aplicação das medidas, e foi determinada a suspensão dos processos de execução fiscal instaurados pela AT e dos processos de execução por dívidas à Segurança Social. Sugere a possibilidade de adoção de medidas mais estruturais neste domínio, no período pós-Covid-19?

PF - Antes da crise pandémica, a carga fiscal que pendia sobre empresas e particulares já era tremenda. Mas a economia funcionava e, com maior ou menor dificuldade, as empresas conseguiam cumprir as suas obrigações. Visto que as empresas paralisaram, não consigo ver como é que dentro de alguns meses vão ter dinheiro para desembolsar os montantes que a AT e a Segurança Social deixaram «congelados» e que depois lhes vão exigir. É uma situação muito delicada e que vai mobilizar, certamente, um grande esforço e atenção por parte do Governo, tanto no Orçamento Suplementar como no Orçamento para 2021. Recapitalizar

as empresas é prioritário, tanto para as resgatar como para evitar despedimentos.

VJ - Em que medida a chegada tardia às empresas dos apoios da banca com garantia do Estado pode comprometer a sobrevivência das empresas?

PF - Essa é uma questão crucial e que pode continuar a ser decisiva se a medida do “lay-off” simplificado for prorrogada. Estas ajudas são autênticos balões de oxigénio para dezenas de milhares de empresas. Mas só o serão se chegarem a tempo. Caso contrário, poderá ser tarde demais. Os custos fixos de uma empresa – ainda para mais sem faturação – são elevados e se as ajudas forem extemporâneas, o mais provável é que os empresários se vejam obrigados a fechar portas. É esta sensibilidade social que devia estar mais presente em todo este processo de ajudas às micro, pequenas e médias empresas. Infelizmente, os obstáculos processuais e burocráti-

cos têm sido muitos e era da maior urgência a sua agilização. A banca e a Segurança Social tiveram grandes responsabilidades por este processo não ter corrido com a celeridade que o contexto económico exigia.

Capacidade de superação dos empresários

VJ - Sob a óptica interna das empresas, independentemente dos apoios governamentais aprovados, que decisões essenciais entende deverem ser tomadas pelos administradores e gerentes das empresas para que estas possam manter a sua atividade e solvabilidade e superar a crise atual?

PF - Como já referi no início desta entrevista, a capacidade de superação dos empresários será decisiva. Não há dúvidas que esta é a crise das

Recapitalizar as empresas é prioritário

nossas vidas. Agora, entendo que o novo normal – como agora se diz – de empresas e empresários não pode passar pelo despedimento de colaboradores. Prescindir de trabalhadores deve ser a última medida na mente dos empresários. E isto é uma bola de neve que pode ter efeitos perversos, porque para além da responsabilidade social que a decisão de manter empregos implica, os despedimentos vão contribuir para retardar, ainda mais, a retoma económica.

VJ - No contexto atual de execução, que apoio podem os contabilistas prestar às empresas, a fim de tentar reduzir os impactos desta crise nas finanças e nos negócios das empresas?

PF - Nesta crise sanitária foram enunciados muitos protagonistas: caso dos enfermeiros, médicos, auxiliares, cientistas, etc. Mas deixe-me



A capacidade de superação dos empresários será decisiva”, afirma Paula Franco.

destacar o papel, a todos os títulos heroico, desempenhado pelos contabilistas certificados. Se, antes da crise, os contabilistas eram fundamentais na interligação com o empresário, a pandemia aproximou, ainda mais, esta relação indissociável e de parceria. No passado, a relação entre contabilistas e empresários nem sempre tem sido fácil, mas quero acreditar que esta situação difícil vai tornar mais consistente a ideia de que um não pode viver sem o outro na gestão diária de uma empresa, seja ela, micro, pequena ou média. A informação financeira vai ser mais importante do que nunca.

VJ - Tendo em vista o conjunto de empresas existentes em Portugal e respetivas áreas de atividade, e sobretudo as medidas que determinaram o encerramento temporário de muitas empresas, perspetiva que muitas delas não tenham viabilidade e acabem por ver declarada a sua insolvência? Que setores considera que terão maior capacidade para sobreviver a crise, e que setores terão maior dificuldade?

PF - O tecido empresarial português é muito vasto e heterogéneo, sendo composto, em larga margem, por micro e pequenas empresas. Seria, por isso, “wishful thinking” admitir que todas iriam resistir a este colossal impacto. Não será assim. O

Esta é a crise das nossas vidas

turismo e a restauração, como atrás mencionei, vão passar meses, talvez um par de anos, especialmente duros. Por outro lado, creio que esta crise acelerou a transformação digital que já estava em curso e que vai mudar o modo como trabalhamos e como fazemos negócios.

VJ - Considerando os mecanismos legais de recuperação de

empresa existentes no nosso ordenamento jurídico, RERE e PER, acha-os suficientes para auxiliar a recuperação das empresas no atual quadro económico, evitando a sua insolvência ou sugere alterações que reforcem esses mecanismos? Que papel poderão eventualmente desempenhar os contabilistas no âmbito dos referidos procedimentos?

PF - Vivemos num momento ímpar na nossa existência, um momento em que é necessário ter mecanismos de apoios flexíveis e céleres, pois, mais que nunca, é necessário compreender os obstáculos com que o tecido empresarial enfrentou e enfrentará e, no mais curto período

possível, encontrar soluções que permitam às empresas melhores ultrapassar esses obstáculos. Ora, infelizmente, os mecanismos previstos no nosso ordenamento jurídico não se coadunam com as necessidades sentidas pelas empresas. Temos, não a qualquer mas a todo o custo, que mitigar o maior número de insolvências possível, é fundamental termos um tecido empresarial forte, sem tal, não ultrapassaremos a crise económica que já começamos a sentir. Os contabilistas certificados são um parceiro fundamental de empresários, gerentes de insolvência e intervenientes judiciais, fomentando informação de gestão relevante para a tomada de decisão.



Mesmo com uma carga fiscal elevada, a economia funcionava antes da pandemia.